

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**

LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO E “DISCURSOS DA NEGRITUDE”

PONTA GROSSA - PARANÁ

2011

RITA DE CÁSSIA SANTOS SCHIMANSKI

LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO E “DISCURSOS DA NEGRITUDE”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Ponta Grossa, para a obtenção de título de Licenciada no Curso de Letras Português/Inglês e respectivas literaturas.

Orientadora: Professora Doutora Aparecida de Jesus Ferreira

PONTA GROSSA - PARANÁ

2011

Dedico este trabalho a meu pai, homem negro, homem bom, homem justo, com quem aprendi a respeitar as diferenças em todas as pessoas, poucas vezes com suas palavras, inúmeras vezes, com suas atitudes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Pai, meu Deus e Senhor da minha vida.

Agradeço à minha mãe, Salvaní, que me deu a vida, o meu maior presente.

Ao meu marido, Edson, que não me deixou desistir.

À minha filha, Carolina, minha jóia mais preciosa, que, desde pequenina, entendeu minhas ausências.

À minha orientadora, Professora Doutora Aparecida de Jesus Ferreira, com quem aprendi a ter autoconfiança, a ser mais otimista, prática, organizada nos estudos, a otimizar o tempo e, principalmente, me ensinou que não há nada no mundo que não possamos aprender. Minha gratidão pela dedicação durante o ano de encontros para orientar este trabalho.

Agradeço também às minhas irmãs, Márcia e Maria, bem como às minhas amigas Maria Antonia, Jackeline e Janice, pelas vezes que cuidaram da minha filha para eu estudar, ir às aulas e orientações.

Agradeço também ao Professor Evanir Pavloski, pela generosidade na contribuição a este trabalho.

Agradeço a Célio Escher e Vanessa E. Ribeiro pela revisão e normalização deste trabalho.

Agradeço ainda a Dom Ruberval Monteiro da Silva, pelo apoio e orações.

Agradeço também às amigas Rita, Sueli Aparecida e Sueli de Fátima, pelo incentivo e orações.

Agradecimento especial devo manifestar ainda à minha tia Salomé, pela dedicação a mim.

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.

(Graciliano Ramos)

RESUMO

SCHIMANSKI, Rita de Cássia Santos. 2011. 48p. **Livro didático público e “Discursos da Negritude”**. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Português-Inglês) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011.

Orientador(a): Aparecida de Jesus Ferreira

Este trabalho trata da investigação do Livro Didático Público de Língua Portuguesa do Estado do Paraná, edição de 2006. A finalidade é entender a forma como o negro é representado, observando se os textos apresentados estão de acordo com a Lei Federal nº 10639/2003. Os referenciais teóricos utilizados para esta pesquisa foram Van Dijk (2008), Ferreira (2008), Bauer (2005), Gomes (2005) e Silva (2009). O método escolhido para esta pesquisa é o da Análise Documental (LÜDKE, 1986), e o referencial teórico da Análise Crítica do Discurso (VAN DIJK, 2008) é utilizado para analisar os textos e as figuras. Os resultados demonstram que os textos analisados não trazem informações relevantes sobre a diversidade cultural. A inclusão da História da África e do seu povo, matéria assegurada pela lei federal de 2003 citada, não teve nos textos, nem nas atividades propostas, um lugar de destaque. Concluímos que é necessário possibilitar que os professores possam rever suas práticas pedagógicas no sentido de propor reflexões sobre a atuação do negro na história, procurando respeitar o que preconiza essa lei, bem como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Palavras-chave: Livro Didático. Discurso. Identidade. Lei Federal nº 10639/2003.

SCHIMANSKI, Rita de Cássia Santos. 2011. 48p. **Public Schoolbook and "Discourses of Blackness."Paper of final course" (Portuguese-English).** – State University of Ponta Grossa.

Leader: Aparecida de Jesus Ferreira

ABSTRACT

This work aims to analyze the 2006 edition of the coursebook adopted in the public schools of Parana. Taking into account what is recommended by the law number 10639/2003, the objective of the research is to understand how the Negro is represented in the material. The theoretical perspectives explored for the study were (VAN DIJK, 2008), (FERREIRA-2008); (BAUER,2005); (GOMES,2005); (SILVA, 2009). The method chosen for the research was the documental analysis (LÜDKE, 1986) and the theoretical references on the critical discourse analysis (VAN DIJK, 2008) are used to examine the texts and the pictures. The results show that the texts do not bring relevant information about cultural diversity. The inclusion of the African History and of its people asserted by the mentioned law had no prominence in the texts or activities suggested. In conclusion, it is necessary to make possible to the teachers reconsider their pedagogical practices in order not only to develop a critical reasoning on the historical importance of the Negro, but also to respect what is recommended by the law 10639/2003 and the National Curriculum Policy for the Education of Ethnic-racial Relations and the Teaching of African and African-Brazilian History and Culture.

Keywords: Schoolbooks. Discourse Identity. Law 10639/2003.

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Banco de Teses da Capes: racismo em livros didáticos	19
Tabela 2 – Banco de Dados da USP – racismo em livros didáticos.....	20

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Trabalho Infantil	29
Quadro 1- Sumário	26
Quadro 2 - Atividade de Literatura	31
Quadro 3 – Poema Essa Negra Fulô	32
Quadro 4 - Poema Negra	35
Quadro 5 - Atividade de Interpretação	36
Quadro 6 - Texto a última crônica	37
Quadro 7 - Poesia negra contemporânea: o redescobrimto do Brasil discurso poético, consciência e atitude	42
Quadro 8 - Luciano Rodrigues Lima	42

LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNLD – Comissão Nacional do Livro Didático

COLTED – Comissão do Livro Técnico e Livro Didático

FNDE- Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação

INL – Instituto Nacional do Livro

LD – Livro Didático

LDB – Livro Didático Brasileiro

MEC – Ministério da Educação

PLIDEF – Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

USAID – Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVO GERAL	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
2.3 PERGUNTAS DE PESQUISA.....	12
3 HISTÓRICO DO LIVRO DIDÁTICO	14
3.1 PESQUISAS RECENTES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO	15
3.2 O QUE É IDENTIDADE?	21
3.3 IDENTIDADE NEGRA	22
3.4 DISCURSOS DA NEGRITUDE.....	23
3.4.1 Lei Federal nº 10639/2003	23
3.4.2 Discurso e Negritude	23
4 METODOLOGIA	25
4.1 HISTÓRICO DO LIVRO DIDÁTICO EM ANÁLISE	25
4.2 ESCOLHAS DE ANÁLISE	27
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	28
5.1 PRIMEIRA SEÇÃO: Análise da imagem (ilustração)	29
5.2 SEGUNDA SEÇÃO: Análise de "Essa nega Fulô" – Jorge de Lima	31
5.3 TERCEIRA SEÇÃO: Análise de "Negra" – Lêdo Ivo	34
5.4 QUARTA SEÇÃO: Análise de "A última crônica" – Fernando Sabino	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	47
Anexo A: Lei Federal nº 10639/2003	48

1 INTRODUÇÃO

O objetivo da monografia é analisar o Livro Didático Público de Língua Portuguesa do Estado do Paraná para o Ensino Médio, edição de 2006. A análise será feita a partir do tema “Discursos da Negritude”. Essa nomenclatura foi escolhida porque é utilizada em uma das unidades do Livro Didático. O nosso interesse é o entendimento desse discurso dentro do Livro Didático, discurso a ser analisado como forma de observar se os textos apresentados estão de acordo com o que preconiza a Lei Federal nº 10639/2003.

O Livro Didático faz parte do cotidiano escolar, na área pública e privada, ocupando um papel fundamental. Seu papel é o de facilitador no processo de ensino-aprendizagem e esse material, sem dúvida, é um recurso educacional importante, pois, se for o único meio de informação, é através dele que o aluno vai encontrar temas que são recorrentes em outras esferas de comunicação.

A escolha do tema desta monografia se deu pela vontade de manter acesa a chama da luta dos pesquisadores em educação em favor de um aprendizado de qualidade respeitando todas as pessoas.

A importância desta pesquisa está na necessidade de dar ao negro o lugar que lhe é de direito dentro da História. No caso se trata tanto da história geral, quanto da história nacional, pois esse lugar antecede sua vinda como escravizado para o Brasil e tem um valor, enquanto escravizado e também quando livre. Assim, se, para contar essa história, é necessário fazer uso de textos de autores da Literatura Brasileira (o que é relevante, pois oportuniza o contato com autores muitas vezes desconhecidos do público), que haja criticidade nessa escolha, pois, ao fazer escolhas, o professor também opta por passar uma mensagem. É necessária a reflexão, partindo do pressuposto de que essa mensagem, enviada através dos textos e de suas atividades didáticas propostas, contém um discurso. É necessária essa reflexão, pois que um determinado discurso está implícito no texto escolhido. No final deste trabalho aponto alguns exemplos de textos nos quais o negro é representado como cidadão, de iguais direitos e deveres, tal como os cidadãos descendentes de outras etnias.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Investigar a forma como o negro é representado no Livro Didático Público de Língua Portuguesa do Estado do Paraná, edição de 2006.

2.2 ESPECÍFICOS

Uma vez definido o objetivo geral, trata-se de desenvolver procedimentos para alcançar os seguintes entendimentos mais específicos, para melhor entender a totalidade de compreensão visada:

- ✓ entender como o negro e seus descendentes são representados no Livro Didáticos Público de Língua Portuguesa do Estado do Paraná, edição de 2006;
- ✓ observar se o livro didático pesquisado contempla a Lei Federal nº 10639/2003;
- ✓ perceber como a diversidade é apresentada para alunos negros e brancos nesse livro didático e nas respectivas escolas.

2.3 PERGUNTAS DE PESQUISA

- ✓ Como o negro e seus descendentes estão representados no LD Público de Língua Portuguesa do Estado do Paraná, na edição de 2006?
- ✓ Os textos apresentados estão de acordo com a Lei Federal nº 10.639/2003?
- ✓ Que mensagens sobre diversidade que o Livro Didático Público de Língua Portuguesa do Estado do Paraná, edição de 2006, pode enviar para os alunos negros e brancos?

No primeiro capítulo conto a história dos livros didáticos no Brasil, como foram introduzidos no sistema de ensino e que órgãos os produziam. Falo sobre as

pesquisas recentes sobre o tema do Negro nos livros didáticos e discorro também sobre as denominações (nomenclatura) utilizadas nas pesquisas anteriores sobre o assunto, bem como nesta pesquisa. Após, discorro sobre a implementação da Lei Federal nº 10.639 e sua relação com o tema “Discursos da Negritude”.

No segundo capítulo abordo a questão da metodologia escolhida para esta pesquisa, e apresento o livro didático pesquisado.

No terceiro capítulo analiso os textos, confrontando-os com o que preconiza a Lei Federal nº 10.639/2003.

Por fim, teço considerações finais, respondendo às perguntas apresentadas junto aos objetivos desta pesquisa e aponto futuras alternativas para o trabalho com o Livro Didático Público de Língua Portuguesa do Estado do Paraná para os alunos do Ensino Médio, de modo que o papel do negro na sociedade brasileira seja, de fato, conhecido e tenha seu valor reconhecido nos mais diferentes espaços da sociedade nacional.

3 HISTÓRICO DO LIVRO DIDÁTICO

Neste capítulo, inicio com um breve histórico do uso de livros didáticos no sistema de ensino do Brasil. Após, aponto as recentes pesquisas, no Brasil, sobre a representação do negro no Livro Didático Público, com foco em itens como o que é Identidade, o que é identidade negra e o que são discursos da negritude.

A história da implantação dos livros didáticos no Brasil data do ano de 1930. Essa foi uma década muito conturbada por causa da crise da economia mundial em decorrência da quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929. Ao mesmo tempo da crise, o governo federal brasileiro busca erigir um sistema de educação na expectativa de implantar uma política educacional consciente, progressista, com pretensões democráticas e aspirando a um embasamento científico (FREITAG, 1989, p.12). Antes disso, o livro didático utilizado no Brasil era uma adaptação do livro didático o francês.

Assim, então, no decorrer dos anos 1930 do governo Vargas, por iniciativa do ministro Gustavo Capanema, foi criado o INL – Instituto Nacional do Livro, órgão específico instituído para elaborar e legislar sobre a política de criação do livro didático brasileiro. Dentre os primeiros projetos do INL estava a elaboração de uma enciclopédia brasileira e de um dicionário da língua portuguesa no Brasil, bem como editar obras literárias com vistas a formar, culturalmente, a população, projetos cuja elaboração adentraram os anos 40, mas, nesse ínterim dos anos 30, muitas bibliotecas foram formadas em diversas escolas do país, o que já representava um grande avanço para os ideais intelectuais da elite educacional da época.

Em 1938 foi instituída, por meio do Decreto-Lei nº 1.006, de 30/12/1938, a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD). Essa comissão tinha como função estabelecer a política de legislação sobre a produção e circulação das obras literárias.

Em 1945, o art. 5º do Decreto-Lei nº 8.460, de 26/12/1945, delega ao professor a escolha do livro a ser utilizado pelos alunos.

Em 1966, através de um acordo entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID), foi criada a Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED). À comissão técnica da USAID caberia controlar e à COLTED coordenar as ações referentes à criação, edição e distribuição do Livro Didático. Em 1971, a COLTED foi extinta e encerrado

o convênio MEC/USAID. O INL passou a ser o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), cujas atribuições eram administrativas e financeiras. Após a extinção do INL, em 1976, a Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME) passou a ser a responsável pela execução do PLIDEF.

Através do Decreto nº 77.107, de 4/2/1976, o governo, através do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE) e com a contribuição estatal, iniciou a compra dos livros.

Em 1983, a FENAME foi substituída pela recém-criada Fundação de Assistência ao Estudante (FAE).

O atual Programa Nacional do Livro Didático substituiu o PLIDEF com a edição da Lei Federal nº 91.542, de 19/8/1985. O PNLD objetiva atingir o ensino fundamental público e as classes de alfabetização infantil.

Outros dois programas são executados, sendo Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), criado em 2004, e o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), criado em 2007. Os portadores de necessidades especiais na área visual são atendidos por meio do Programa Nacional do Livro Didático em Braille. Aos alunos surdos de 1ª a 4ª série foram destinados cartilha e livro de língua portuguesa em libras e em CD-rom.

Como afirma Coracini (1999), no Brasil, a história do livro didático foi escrita por decretos, leis e medidas tomadas por quem estava à frente dos gabinetes, excluindo os profissionais da área de educação a quem, de fato, interessaria escrevê-la.

A temática Livro Didático é, portanto, de extrema relevância para a compreensão do seu conteúdo e ajuda a discussão desse tema e a reflexão do que contém o Livro Didático Público de Língua Portuguesa do Estado do Paraná. Considerando as questões postas, na próxima seção discutiremos as pesquisas recentes sobre a representação do negro no Livro Didático.

3.1 PESQUISAS RECENTES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO

O ano de 2011 é considerado, segundo declaração da ONU, o Ano Internacional dos Afrodescendentes.

As primeiras pesquisas sobre estereótipos raciais em livros didáticos foram publicadas na década de 1950. O estudo pioneiro foi o de Leite (apud SILVA, 2006), seguido pelos estudos de Hollanda (apud SILVA, 2006).

Na atualidade existe um grande número de trabalhos sobre a representação do negro no Livro Didático (SILVA, 2008; MENEGASSI, 2004; FARIAS, 2011; WATTHIER, 2008). Estudiosos e pesquisadores têm-se debruçado sobre essa questão que é, ao mesmo tempo, tão antiga e tão recente.

Dizemos que a questão é antiga, já que os primeiros estudos a respeito da representação do negro no Livro Didático datam de 1950 e, de outro lado, que é recente, porque o tema “Representação do Negro” reincide diariamente nas mídias, nas escolas, na política, na economia, etc. Ou seja, de algum modo e através das fontes mais diversas, diariamente entramos em contato com o tema. E isso nos faz perceber a importância da discussão a esse respeito, mas, principalmente, das mudanças que se fazem urgentes.

O pesquisador Paulo Vinicius Baptista da Silva é um dos muitos estudiosos da área. Podemos citar duas, das suas muitas pesquisas, as intituladas: “Racismo discursivo e avaliações do Programa Nacional do Programa Nacional de Livros Didáticos” e “Racismo em livros didáticos: estudo sobre negros e brancos em Livros de Língua Portuguesa”, onde ele analisam os discursos sobre negros e brancos contidos em Livros Didáticos de Língua Portuguesa produzidos num determinado período de tempo. Nesse livro ele conclui que as crianças que têm acesso aos livros estudados são vítimas de um discurso preconceituoso.

É necessário também citar a contribuição de Menegassi (2004) que, em seu artigo “A representação do negro no livro didático brasileiro de língua materna”, fala da realidade vivida no ambiente escolar, bem como na sociedade brasileira em geral. São ambientes onde as diferenças étnico-culturais não são respeitadas: “[...] difundindo preconceitos e práticas racistas por todo o país, mostrando um racismo velado”. E isso se estende aos livros didáticos: “Nesse sentido, os livros didáticos brasileiros de ensino de língua materna são exemplos evidentes dessa situação, em que são encontradas leituras de textos e exercícios que constroem uma inaptidão à criticidade do aluno”.

Nesse artigo, Menegassi (2004) exemplifica com o livro “Português: leitura e expressão” (Márcia Leite e Cristina Bassi, 7ª série, São Paulo, Editora Atual), muito utilizado nas escolas da cidade e região de Maringá-PR. Ele analisa as ilustrações e

atividades de uma das unidades referentes à letra da música "O meu guri", de Chico Buarque. Segundo Menegassi (2004) "A observação da ilustração normalmente ocorre antes da leitura do texto. Isto significa que o aluno já é conduzido à leitura com a visão antecipada de que o guri é um negro ladrão".

A respeito da leitura do texto, Menegassi (2004) assegura que, ao serem influenciados pela visão interpretativa das autoras, tanto o aluno como o professor concluirão que "[...] o guri narrado no texto só pode ser um negro ladrão; um negro que assaltou uma pessoa e roubou a bolsa, por isso está correndo". Sua conclusão é que:

A leitura exposta no livro demonstra a visão burguesa e preconceituosa dos autores de livros didáticos de maneira geral, que ainda não consideram o negro como um cidadão brasileiro que construiu e constrói este país. Se este tipo de constatação é observado nos livros didáticos de circulação nacional, escancaradamente exposto, o que se espera de um aluno-leitor que está aprendendo na escola que o negro, ainda em pleno século XXI, é representado na escola numa condição marginal, inclusive com o aval do professor, que muitas vezes também é negro. (MENEGASSI, 2004).

Wathier (2008), em seu trabalho intitulado "A discriminação racial presente em livros didáticos e sua influência na formação da identidade dos alunos" objetiva, entre outras análises, verificar como a pessoa negra é representada. Conforme Wathier (2008) respaldada pelos autores Lopes (2002), Ferreira (2006), Hall (2002) e Gomes (2001), busca ainda compreender, ao tratar do tema, na sala de aula, através dos livros didáticos, se o aluno tem melhorado a consciência da questão da desigualdade racial ou se a atividade tem auxiliado na formação de uma identidade não preconceituosa. A sua pesquisa, feita em duas turmas (1º e 3º anos), resultou em perceber que os alunos desconheciam "[...] a importância de todas as raças existentes em nossa sociedade" (WATHIER, 2008, p.6). Percebeu também que a falta de procedimentos didáticos que aprofundem a temática da diversidade étnico-racial "[...] significa negar a diversidade" (WATHIER, 2008, p.6). Conclui que materiais didáticos, inclusive livros didáticos contribuem para uma visão racista a respeito do negro.

Farias (2011), em seu artigo "Identidades Sociais no Livro Didático de Língua Inglesa: representações do discurso escrito de raça/etnia", analisa a representação étnico-racial no discurso escrito apresentado pelo livro didático de Língua Estrangeira Moderna (Espanhol – Inglês) para o Ensino Médio, utilizado nas escolas públicas do Paraná. Autores como Ferreira (2009), Tílio (2008), Rosemberg

(2003), Pinto (1987), Negrão (1987), Ludke e André (1986) e Van Dijk (1993), entre outros, fundamentam sua pesquisa. Assim, a autora do citado artigo analisa duas unidades do livro didático que apresenta “[...] o branco como norma ou padrão, caracterizando a branquitude [...]”, e percebe, ainda, que “[...] os textos são carregados de uma concepção em que a normalidade está em pertencer a um determinado grupo de domínio – o branco“. Por meio da análise de conteúdo, fundamentada por Van Dijk (apud FARIAS, 2011), a autora observa “[...] as vozes presentes” no material didático analisado, pretendendo, através dessa análise, “[...] enriquecer a interação professor/aluno, oportunizando ao professor uma reflexão sobre a importância da sua ação em sala de aula, [...] mas também como um cidadão consciente de seu valor na construção social”. Ao final da pesquisa, Farias (2011) conclui afirmando: “[...] nota-se que os próprios materiais utilizados para a formação crítica dos alunos podem reforçar ideologias e concepções discriminatórias e racistas que ocorrem na sociedade, as quais, se internalizadas, promoverão maior desigualdade social”.

Quando falamos do tema da Diversidade, é necessário, também, citar outras pesquisas na área de educação cujos temas são relativas ao negro e/ou à sua representação. Para isso optamos por pesquisar, de forma breve, o Banco de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e da Universidade de São Paulo – USP, os quais podem ser visualizados nos tabela abaixo.

Tabela 1 - Banco de Teses da Capes: racismo em livros didáticos.

NOME DO AUTOR	TITULO	ANO
BOULOS JÚNIOR, Alfredo	Imagens da África, dos africanos e seus descendentes em coleções de didáticos de história aprovadas no PNLD de 2004.	2008
CASTELLO BRANCO, Raynette	O negro no livro didático de história do Brasil para o ensino Fundamental II, da Rede Pública Estadual De Ensino, No Recife	2005
FREITAS, Ivana Silva	A cor da metáfora: o racismo no livro didático de língua portuguesa	2009
NASCIMENTO, Sergio Luis do	Relações raciais em livros didáticos de ensino religioso do ensino fundamental	2009
OLIVEIRA, Maria Anória De Jesus	Negros Personagens nas Narrativas Literárias Infanto-Juvenis Brasileira: 1979-1989.	2003
OLIVEIRA, Marli Solange	A representação dos negros em livros didáticos de história: mudanças e permanências após a promulgação da Lei 10.639/03	2009
QUEIROZ, Renata	A representação da diversidade étnico – racial e de gênero no livro didático do Ensino Fundamental brasileiro	2008
RIBEIRO, Maria Solange Pereira	Preconceito e racismo na coleção de historia do Brasil de 5a. e 6a. Serie do primeiro grau: uma investigação, do bibliotecário escolar.	1993
SANTOS, Abel Ribeiro	Educação e Relações raciais: um estudo de caso	2007
SILVA Auxiliadora Maria Martins da	Etnia negra nos livros didáticos do ensino fundamental: transposição didática e suas implicações para o ensino das ciências	2005

Fonte: USP. **Banco de Teses.** Banco de teses: Assunto: Racismo e m livros didáticos. Disponível em:

<<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/Pesquisa.do;jsessionid=0A6634CF342A03576BB34F7B8955C08D?autor=&tipoPesqAutor=T&assunto=Racismo+livro+didatico&tipoPesqAssunto=T&ies=&tipoPesqles=T&nivel=&anoBase=>>>. Acesso em: 07 ago. 2011.

Tabela 2 – Banco de Dados da USP – Pesquisas sobre Racismo relacionadas ao tema educação.

	TÍTULO	DISSERTAÇÃO	ÁREA	ANO
FERREIRA, Cléa Maria da Silva	Formação de professores à luz da história e cultura afro-brasileira e africana: nova Educação	Dissertação de Mestrado	Educação	2009
LIMA JUNIOR, Ariovaldo	Jornal Ìrohìn: estudo de caso sobre a relevância educativa do papel da imprensa negra no combate ao racismo Jornal Ìrohìn: estudo de caso sobre a relevância educativa do papel da imprensa negra no combate ao racismo.	Dissertação de Mestrado	Educação	2009
MOEHLECKE, Sabrina	Fronteiras da igualdade no ensino superior: excelência & justiça racial	Tese de Doutorado	Educação	2004
MOEHLECKE, Sabrina	Propostas de Ações Afirmativas no Brasil: o acesso da população negra ao ensino.	Dissertação de Mestrado	Educação	2000
TELES, Carolina de Paula	Representações sociais sobre as crianças negras na educação infantil: mudanças e permanências a partir da prática pedagógica de uma professora.	Dissertação de Mestrado	Educação	2010

Fonte: USP. **Teses e Dissertações.** Disponível em: <http://www.theses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=9&Itemid=159&lang=pt-br&id=48134&prog=48001&exp=0&filtro=racismo>. Acesso em: 07 ago. 2011.

A partir desses trabalhos acima citados, é possível vislumbrar o crescimento das pesquisas na área da educação e cujo tema é a Diversidade Étnico-Racial.

3.2 O QUE É IDENTIDADE?

Logo que se objetiva investigar os livros didáticos e o tema Discursos da Negritude, impõe-se uma primeira problemática e que diz respeito às conceituações existentes em torno do tema. Para discutir as questões com relação às temáticas, utilizamos os conceitos existentes nos estudos das relações raciais.

A conceituação de raça no contexto deste trabalho é a que define raça como conjunto de construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico (GOMES, 2005, p.49).

Segundo Gleason (apud GOMES, 2005, p.40), ainda não há uma resposta satisfatória para a pergunta: – O que é identidade? Mas é necessário fazer, ao menos, uma aproximação. É sabido que a identidade de um indivíduo está, de um lado, intimamente ligada ao sentimento de pertença a um grupo que compartilhe de um mesmo patrimônio (étnico, histórico, simbólico, etc.) e das mesmas relações sociais. De outro lado, porém, a identidade de um indivíduo é marcada também pela diferença dele tendo como referência o outro (WOODWARD, 2009; SILVA, 2008). Há, ainda, uma tensão existente na estrutura da discussão sobre o tema da identidade em que duas perspectivas se impõem: essencialistas e não essencialistas. A perspectiva essencialista de uma identidade pode ser pensada como um conjunto de características translúcidas, inalteráveis ao longo do tempo e partilhadas por dois grupos, como, por exemplo, sérvios e croatas. Na perspectiva essencialista, sérvios e croatas partilhariam desse conjunto de características já que pertenceriam a um mesmo povo e cujas formas de trabalho, organização social-política e cultural seriam as mesmas. Na perspectiva não essencialista, os dois grupos que tomamos como exemplo procurariam reivindicar características inalteradas pelo processo histórico vivido por ambos (WOODWARD, 2009, p.12). Rutherford (apud WOODWARD, 2009, p.19) afirma que:

[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação.

Entendemos, então, que a identidade, sendo marcada pela diferença (SILVA, 2008, p.1) percebida nos confrontos ideológicos, econômicos, sociais, políticos e culturais com o outro, é forjada dentro da história vivida pelo indivíduo e ele a experimenta em todos os lugares em que vive ou trabalha ou aprende (escolas, associações, teatros, família). E essa identidade é “[...] construída multiplamente ao longo dos discursos, práticas e posições [...]” (HALL, 2009, p.108).

É a partir da compreensão do que é identidade que se constrói o conhecimento do que é ser negro, ser branco, ser índio, ser brasileiro, ser europeu, etc. Essa compreensão não basta, porém, pois a identidade pode ser contestada, uma vez que a globalização proporciona um constante intercâmbio entre quase, senão todos, os povos existentes ao redor do mundo.

3.3 IDENTIDADE NEGRA

Contrariamente ao que muitos possam pensar, ser negro, no Brasil, por exemplo, em tese, não significa dar uma informação a respeito da cor da pele, mas, significa que postura política tem aquele que afirma ser negro. Isso se refere ao que um indivíduo reflete acerca de si e de seus pressupostos. Por outro lado, ao ouvir o que o outro fala a respeito de determinado grupo ou pessoa, há uma reflexão diferente, já que não é o indivíduo que fala de si, mas, o que falam a respeito dele. Silva (2008, p.6) ilustra essa ideia quando diz que:

[...] ao nos referirmos a certas características comuns a um grupo, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um "fato" do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos lingüísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo. Assim, por exemplo, quando utilizamos uma palavra racista como "negrão" para nos referir a uma pessoa negra do sexo masculino, não estamos simplesmente fazendo uma descrição sobre a cor de uma pessoa. Estamos, na verdade, inserindo-nos em um sistema lingüístico mais amplo que contribui para reforçar a negatividade atribuída à identidade "negra".

A identidade negra é construída pelo sujeito ao longo de toda a sua vida, através da interação com o outro, e a escola é um espaço onde essas construções estão em processo de formação. Na escola, interagindo com o outro e também negociando essas relações a partir dos diálogos, a identidade negra pode ser formada ou negada (GOMES, 2002, p.3).

3.4 DISCURSOS DA NEGRITUDE

3.4.1 Lei Federal nº 10639/2003

A Lei Federal nº 10.639/2003 foi criada pelo governo federal complementando a Lei Federal nº 9394/1996 e estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na esfera da educação básica, pública e privada. É inegável que essa medida – acrescida das Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2005) – representa, por um lado, um avanço no reconhecimento da existência de relações entre diferentes grupos na sociedade brasileira, e também colaborou para o reconhecimento da luta que a comunidade negra, através de movimentos, vem travando de forma histórica. No Livro Didático Público conjeturamos o reflexo da medida tomada pelo governo estadual, no capítulo destinado ao que propõe a lei. O tema do capítulo é Discursos da Negritude. Antes, porém, é necessário conceituar essas duas palavras: *discurso* e *negritude*.

No contexto deste trabalho, empregamos o termo *discurso* como forma de significar um evento comunicativo específico (VAN DIJK, 2008).

3.4.2 Discurso e Negritude

Tomamos o conceito da Análise crítica do Discurso (CARNEIRO, 2007), que afirma:

[...] o discurso é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo. Por isso, sua aparição deve ser contextualizada como um acontecimento, pois funda uma interpretação e constrói uma vontade de verdade. Quando pronunciamos um discurso agimos sobre o mundo, marcamos uma posição – ora selecionando sentidos, ora excluindo-os no processo interlocutório.

Sendo o discurso, pois, uma forma de ação, podemos inferir que o discurso nos livros didáticos (LDs) ou os discursos educacionais, especificamente, os contidos nos LDs, influenciam os leitores que recebem, não raro, durante horas, dentro das salas de aulas, esses livros como única forma de acesso à leitura obrigatória (VAN DIJK, 2008). Assim, temos um poder no discurso da escola, um poder contido nos LDs e que fortalece crenças anteriormente estabelecidas na mente de crianças, jovens, adolescentes e adultos. Esse fortalecimento atinge

também as crenças sobre as minorias, retratadas nos LDs a partir do discurso educacional. Numa sala de aula, o contato com estereótipos sobre as minorias, reproduzidas pelos LDs, pode tanto empoderar a maioria que os leem, quanto constranger a minoria.

O termo *negritude* é amplamente usado na atualidade. Faz parte do discurso de pessoas ligadas ao Movimento Negro, do cotidiano escolar e das mídias.

O significado, segundo o dicionário de língua portuguesa (FERREIRA, 1999, p.1400) é

[De negro +_itude.] **S. f. 1.** Estado ou condição de pessoas negras. **2** Ideologia característica da fase de conscientização, pelos povos negros africanos, da opressão colonialista, a qual busca reencontrar a subjetividade negra, observada objetivamente na fase pré-colonial e perdida pela dominação da cultura branca ocidental.

Sobre essa definição ou esse entendimento tradicional, porém, um olhar mais atento verá o caráter político-ideológico-cultural que o termo contém. Segundo Domingues (2005, p.2):

No terreno político, negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana. Portanto, negritude é um conceito multifacetado, que precisa ser compreendido à luz dos diversos contextos históricos.

4 METODOLOGIA

A metodologia a ser utilizada será a chamada Análise Documental (MENGA, 1986; BAUER, 2005).

Segundo Phillips (apud MENGA, 1986, p.38), “São considerados documentos quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano”. Assim, o Livro Didático Público de Língua Portuguesa do Estado do Paraná é, portanto, tratado neste trabalho como documento, já que se trata de material impresso. Para tanto, selecionamos a ilustração que abre a unidade intitulada "Discursos da Negritude" e três textos de autores brasileiros.

4.1 HISTÓRICO DO LIVRO DIDÁTICO EM ANÁLISE

O Livro Didático utilizado para esta pesquisa foi editado em 2006. A Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR), em seu Programa de Formação Continuada para os profissionais da educação promoveu o Projeto Folhas. “Folhas” é a terminologia usada para um artigo escrito pelos docentes da rede estadual de ensino. O professor ou professora escreve um artigo cujos critérios são ter pelo menos uma relação interdisciplinar e conter sugestões de atividades pedagógicas. Esse tipo de artigo (Folhas) é disponibilizado no portal da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR) para ser acessado pelos professores. O “Folhas” é elaborado com a participação colaborativa de professores da rede de ensino superior.

O Livro Didático utilizado para esta pesquisa foi editado em 2006, como já acima dito, e nessa edição o secretário de Estado da Educação, na carta de apresentação, afirma que o Livro Didático Público: “[...] foi elaborado para atender à carência histórica de material didático no Ensino Médio” (LINS et al., 2006, p. 4).

Quadro 1 - Sumário

<u>Sumário</u>	
Rap da Língua Portuguesa.....	10
Apresentação.....	
Conteúdo Estruturante: O Discurso como prática social:	
oralidade, leitura, escrita, literatura	
1 – Procura-se um Crime.....	17
2 – O Labirinto da Linguagem Jurídica.....	29
3 – Discursos da Negritude	43
4 – Pescando Significados	55
5 – Sonhando com a Casa Própria	65
6 – Palavras	77
7 – Sobre A Modernidade ou como ler um livro.....	89
8 – A Máquina do Tempo	101
9 – Estratégias de manifestar opinião	111
10 – Quem conta um conto	123
11 – Você é um Chato.....	137
12 – Linguagem Científica e Linguagem Cotidiana – Maneiras de Dizer.....	149
13 – Variação Lingüística	157
14 – Múltiplas Significações	171
15 – Mercado de Trabalho: Que Bicho é esse?	181
16 – Vírgulas e Significado.....	

Fonte: Lins (2006, p.9).

As Diretrizes Estaduais Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, no Capítulo 1, intitulado "Dimensão Histórica da Disciplina Língua Portuguesa/Literatura", afirma que: "É na escola que o

estudante brasileiro aprende a ter voz e fazer uso da palavra, numa sociedade democrática, mas plena de conflitos e tensões" (PARANÁ, 2008, p.4).

Na mesma direção, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a ministra-chefe da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, afirma que:

A educação constitui-se um dos principais ativos mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo. (BRASIL, 2004, p.6).

4.2 ESCOLHAS DE ANÁLISE

Crianças, adolescentes e jovens adultos enfrentam, diariamente, por muitas horas, aulas e livros didáticos – os únicos livros que são leituras obrigatórias em nossa cultura. Isto é, não há instituição ou discurso comparável que é tão massivamente inculcado como o da escola. (VAN DJIK, 2008, p.148).

Serão analisados os textos que se encontram no interior do Capítulo 3, intitulado "Discursos da Negritude". Inicialmente analisaremos o texto "Essa Negra Fulô", de Jorge de Lima. Na sequência analisaremos o texto de Lêdo Ivo e, por último, analisaremos o texto "A última crônica", de Fernando Sabino.

Justificamos a relevância da análise desses textos pela necessidade de entendimento da forma de representação do negro no LD. Procuramos entender por que, num imenso acervo de textos e de imagens disponíveis via internet, livros, jornais e revistas que versam sobre a história africana, sua cultura, lutas políticas, e também sua geografia, seus costumes, os autores escolheram esses textos que reforçam ideias racistas e preconceituosas a respeito da mulher negra. De acordo com Van Dijk (2008, p.251):

A manipulação realiza-se por meio do discurso em um sentido amplo, isto é, incluindo características não verbais com gestos, expressões faciais, *layout* de texto, imagens, sons, música, e assim por diante.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo compõe-se de cinco seções. Na primeira seção analisaremos a imagem que abre o capítulo do LD. Na segunda seção analisamos o poema "Essa negra Fulô", de Jorge de Lima, fazendo um confronto entre a mensagem enviada e a proposta da atividade. Na terceira seção analisaremos o poema "Negra", de Lêdo Ivo. Na última seção analisaremos o texto "A última crônica", de Fernando Sabino, confrontando também a mensagem enviada por ele.

Segundo as Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio:

No que se refere à Literatura, pouca atenção tem sido dada a essa prática na sala de aula, prevalecendo, dessa forma, o texto literário como o pretexto para exercícios gramaticais e interpretações de cunho moralista; além disso, muitas vezes, a obra literária é apresentada ao aluno de forma fragmentada, cuja maior preocupação é apontar características de estilos de época. Nessa perspectiva, ignoram-se os discursos presentes nas obras literárias, carregados de ideologias e vozes sociais. (PARANÁ, 2008, p.27).

É esse o sentido que esta análise trilha, buscando compreender como esses textos, tanto no aspecto verbal, quanto no não verbal (imagem), representam o negro dentro do Livro Didático. Analisando esses textos, questionamos que tipo de formação é oferecida ao leitor.

E, na busca de compreender os pressupostos que estão implicados na formação do leitor, lê-se nas mesmas diretrizes que:

É importante contemplar, ainda, na formação do leitor, as linhas que tecem a leitura,[...]: *Memória*: o ato de ler, quando pede a atitude responsiva do leitor, suscita suas memórias, que guardam suas opiniões, sua visão de mundo. O ato de ler convoca o leitor ao ato de pensar; *Intersubjetividade*: o ato de leitura e interação não apenas do leitor com o texto, mas com as vozes presentes nos textos, marcas do uso que os falantes fazem da língua, discursos que atravessam os textos e os leitores; *Interpretação*: a leitura não acontece no vazio. O encontro de subjetividades e memórias resulta na interpretação. As perguntas de interpretação de textos, que tradicionalmente dirigimos aos alunos, buscam desvendar um possível mistério do texto e esquecem do mistério do leitor. (PARANÁ, 2008, p.37).

Com base nessas afirmações, buscamos, através das análises dos textos, compreender a forma de representação do negro contida no Livro Didático.

Salientamos que este trabalho não objetiva fazer uma análise dos textos do ponto de vista da Teoria da Literatura. Entretanto é essa mesma Teoria da Literatura que dá condições de uma melhor compreensão da função dos recursos estilísticos presentes nos textos.

5.1 PRIMEIRA SEÇÃO: Análise da imagem (ilustração).

A importância da imagem no ato de aprender é inquestionável. Para a produção de cada imagem, uma intenção de seu autor, para sua utilização, outro sentido. A leitura da imagem proporciona ao receptor um sentido, um significado próprio de acordo com suas vivências. (COSTA, 2008).

A abertura do tema "Discursos da Negritude" foi feita através da seguinte ilustração.

Figura 1 – Trabalho Infantil



Fonte: Lawrence (apud LINS, 2006, p.42).

Início definindo o que é e para que serve uma imagem. Segundo Joly (apud TONELLI, 2008, p.5), a imagem seria alguma coisa semelhante a outra, sendo material ou não, visual ou não, fabricada ou não. Além disso, segundo as autoras, uma imagem é sempre algo feito para ser observado por outro e também é passível de conter uma mensagem para esse “outro”

Ainda segundo Tonelli (2008, p.7):

As funções para a ilustração devem ser sistematizadas a partir do papel que elas assumem no livro. Nessa perspectiva, a classificação é feita de acordo com a função que ela desempenha no ato da recepção. Assim, pode-se perceber que, em algumas ocasiões, a imagem antecipa sentidos desvendados pela palavra.

Nesse sentido, podemos pensar que a ilustração que abre o capítulo objeto deste trabalho desempenha o papel de preparar o estudante para os textos que seguem ao longo do capítulo. Ainda de acordo com Joly (apud TONELLI, 2008, p.5): “Seja ela expressiva ou comunicativa, é possível admitir que uma imagem sempre constitui uma mensagem para outro, mesmo quando esse outro somos nós mesmos”

A ilustração analisada apresenta quatro crianças carregando cestos. Podemos perceber que as personagens da ilustração são apresentadas com rostos ocultos, à exceção de um dos rostos, que, estando de perfil, apresenta um olho aberto. Apresenta também personagens muito magros, parecendo carregar um peso muito superior à sua capacidade. Essa ilustração, como abertura do tema Discursos da Negritude, apresenta um “discurso não verbal”, já que é ilustrativo de personagens sem voz, subjugados e sem identidade, posto que estão retratados apenas corpos sem um rosto que os caracterize, transmitindo uma sensação de apagamento da figura do negro.

O trabalho que essas crianças fazem pode ser comparado ao trabalho de animais de carga, pois o corpo envergado de cada personagem expressa uma grande exaustão, relacionando o tema proposto na unidade à imagem do negro à força de trabalho para a qual ele era usado, tal como os animais.

Observamos personagens usando pouca roupa, sugerindo um ambiente inóspito, ermo e de atmosfera quente.

Os tons presentes na pintura, na sua maioria, são escuros, como a terra, o barro. Assim, esses tons remetem à terra onde os negros trabalhavam, moravam, enfim, remetem ao lugar ao qual, à época em que foram escravizados, eles eram destinados. Assim, podemos inferir que os tons escuros presentes nessa imagem não dão ao aluno a possibilidade de enxergar outro tipo de lugar onde fosse possível uma vida diferente para os negros.

E se “[...] a imagem, por sua própria natureza [...] é representação” (TONELLI, 2008, p.16), cabe ao aluno visualizar apenas essa forma de representação do negro. Poderíamos então nos perguntar:

– *Essa imagem foi escolhida para quem?* Em resposta, podemos, seguramente, pensar que essa imagem foi escolhida para o aluno branco reproduzir a imagem estereotipada do negro subserviente.

– *Esta imagem foi escolhida contra quem?* Em resposta, pode-se afirmar que essa imagem parece ter sido escolhida contra o aluno negro, mantendo-o na mesma representação tida pela visão colonialista brasileira, ou seja, do negro (desde criança) submetido ao trabalho duro, em um ambiente ermo, desempenhando funções de trabalhador braçal.

Necessário é também nos perguntar se a função dessa imagem seria estética. Nesse sentido, Tonelli (2008, p.7) afirma que:

A ilustração pode assumir uma função estética quando esta chama a atenção para a forma ou configuração visual. [...] Ao assumir a função estética, seu papel passa a ser o de sensibilizar o leitor por meio de efeitos estéticos reforçando a linguagem textual contida no livro.

Assim, ao abrir o capítulo do livro, através da ilustração, o aluno contata visualmente a história dos negros quando da época em que foram escravizados. Ele pode sensibilizar-se com a imagem e reforçar essa sensibilização com os textos que seguem, adquirindo, dessa forma, a imagem analisada, uma função estética.

5.2 SEGUNDA SEÇÃO: Análise de "Essa nega Fulô" – Jorge de Lima

Nesta seção apresentamos primeiro a proposta de atividade contida no capítulo estudado, o poema e a sua análise. O livro apresenta os seguinte enunciado:

Quadro 2 – Atividade de Literatura

“Agora vejamos como você pode mexer nos fios da nossa trama a partir de um poema de Jorge de Lima, poeta alagoano:” (p. 44).

Fonte: Lins (2006, p.44).

“Os fios da nossa trama” a que o enunciado se refere são a seguinte citação no próprio Livro Didático:

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa diz que a palavra tem origem no latim e significa: “tecer, fazer tecido, entrançar, entrelaçar, construir sobrepondo ou entrelaçando [...] compor ou organizar o pensamento [...]”. (LINS, 2006, p.44).

De acordo com Van Dijk (2008, p.135):

As ideologias e os preconceitos étnicos não são inatos e não se desenvolvem espontaneamente na interação étnica. Eles são adquiridos e aprendidos, e isso normalmente ocorre através da comunicação, ou seja, através da escrita e da fala.[...].

Ora, se o aluno, ao ler o poema proposto, aliado à proposta de atividade e considerando que, ao ler o poema, ele irá entrelaçar, construir, é possível questionar que tipo de construção ele fará a respeito da mulher negra. Evidentemente, o texto "Essa negra Fulô" não oferece a possibilidade de identificar traços positivos na imagem da mulher, mas oferece subsídios para o aluno adquirir ou aprender,

através do discurso contido no texto analisado, uma forma equivocada de representação da mulher negra.

O texto “Essa negra Fulô” será analisado, questionando quais valores este texto apresenta para o tema em discussão e analisado visando também perceber quais mensagens ele envia para os alunos.

Quadro 3 – Poema Essa Negra Fulô

<p>ESSA NEGRA FULÔ</p> <p>Ora, se deu que chegou (isso já faz muito tempo) no bangüê dum meu avô uma negra bonitinha, chamada negra Fulô. Essa negra Fulô! Essa negra Fulô! Ó Fulô! Ó Fulô! (Era a fala da Sinhá) – Vai forrar a minha cama, pentear os meus cabelos, vem ajudar a tirar A minha roupa, Fulô! Essa negra Fulô! Essa negrinha Fulô ficou logo pra mucama, para vigiar a Sinhá pra engomar pro Sinhô! Essa negra Fulô! Essa negra Fulô! Ó Fulô! Ó Fulô! (Era a fala da Sinhá) Vem me ajudar, ó Fulô, vem abanar o meu corpo que eu estou suada, Fulô! vem coçar minha coceira, vem me catar cafuné, vem balançar minha rede, vem me contar uma história, que eu estou com sono, Fulô! Essa negra Fulô! “Era um dia uma princesa que vivia num castelo que possuía um vestido com os peixinhos do mar. Entrou na perna dum pato Saiu na perna dum pinto o Rei-Sinhô me mandou que vos contasse mais cinco.” Essa negra Fulô! Essa negra Fulô! Ó Fulô? Ó Fulô?</p>	<p>Vai botar para dormir esses meninos, Fulô! “Minha mãe me penteou minha madrastra me enterrou pelos figos da figueira que o Sabiá beliscou.” Essa negra Fulô! Essa negra Fulô! Fulô? Ó Fulô? (Era a fala da Sinhá chamando a Negra Fulô.) Cadê meu frasco de cheiro Que teu Sinhô me mandou? – Ah! Foi você que roubou! Ah! Foi você que roubou! O Sinhô foi ver a negra levar couro do feitor. A negra tirou a roupa. O Sinhô disse: Fulô! (A vista se escureceu que nem a negra Fulô.) Essa negra Fulô! Essa negra Fulô! Ó Fulô? Ó Fulô? Cadê meu lenço de rendas cadê meu cinto, meu broche, cadê o meu terço de ouro que teu Sinhô me mandou? Ah! foi você que roubou! Ah! foi você que roubou! Essa negra Fulô! Essa negra Fulô! O Sinhô foi açoitar sozinho a negra Fulô. A negra tirou a saia e tirou o cabeção, de dentro dele pulou nuinha a negra Fulô. Essa negra Fulô! Essa negra Fulô! Ó Fulô? Ó Fulô? Cadê, cadê teu Sinhô que nosso Senhor me mandou? Ah! Foi você que roubou, foi você, negra Fulô? Essa negra Fulô!</p> <p style="text-align: right;">(Jorge de Lima)</p>
--	--

Fonte: Lins (2006, p.44).

Analisando o poema "Essa Negra Fulô", de Jorge de Lima, iniciando pelo título do poema, pode-se dizer que o mesmo mostra a seguinte situação: trata-se de alguém sem nome e, portanto, com o codinome Fulô. O fato de a negra se chamar Fulô não determina que lá chegou um ser humano, pelo contrário, sabe-se que *fulô* é uma forma de chamar o substantivo "flor". Se pensarmos na forma imagética de como o poema foi construído, podemos imaginar Fulô assoberbada com as tarefas que lhe cabiam. Entre elas constam: forrar a cama, pentear, ajudar a vestir e vigiar Sinhá, engomar pro Sinhô, e outras tarefas como: abanar, coçar a coceira, balançar a rede, contar uma história, botar os meninos de Sinhá prá dormir. Ainda utilizando-se da construção imagética e ligando-a à repetição da frase "Essa Negra Fulô" (que aparece dezessete vezes), temos, nessa repetição exaustiva, um componente de descrédito associado à Fulô. A sonoridade da repetição enfatiza a mensagem por meio dessa repetição, produzindo no leitor total descrédito à Fulô. Acusada de roubar o frasco de cheiro, o lenço, o cinto, o broche, o terço e, finalmente, a acusação de roubar de Sinhá, o seu marido. Fulô não tem vida própria, pois ora é brutalmente espancada pelo feitor e ora brutalizada pelo patrão, que a domina e a silencia, tudo culminando num desfecho que leva o leitor a identificar na negra Fulô os seguintes aspectos: subalternidade, caráter duvidoso e lascivo. Assim, o negro é representado a partir das ideias de ladrão. O "pendor sexual" a que se refere o enunciado da página 49 reforça a ideia da negra amoral. O texto trata a personagem Fulô como mulher sedutora, que seduz por sua força sexual.

A leitura desse poema mantém a mulher negra no lugar em que a história sobre a escravidão no Brasil a colocou, mantendo sobre ela a visão do colonizador.

A proposta de ampliação sobre o tema negritude não se configura, uma vez que o poema dá informações subliminares sobre o estereótipo da mulher negra destituída de qualquer direito. Essa reflexão corrobora as ideias de Van Dijk (2008), quando ele afirma que os livros didáticos "[...] continuam a repetir os estereótipos sobre minorias e sobre outros povos não-europeus" (VAN DIJK, 2008, p.149).

As mensagens enviadas para o aluno através do texto analisado estão carregadas de ideias negativas sobre a personagem "Fulô", o que pode levar o aluno a ter formas errôneas de representação da mulher negra. Desse modo, concordamos com Silva (apud FERREIRA, 2008, p.64), de que, dando aos negros tais características, os materiais acabam por omitir a "[...] contribuição econômica e a

diversidade de funções e papéis desempenhados pelo homem negro no Brasil, desde a sua chegada até os dias atuais”.

5.3 TERCEIRA SEÇÃO: Análise de "Negra" – Lêdo Ivo

Esta seção apresenta e analisa o poema “Negra”, de Lêdo Ivo. Os recursos estilísticos utilizados pelo autor do texto foram analisados como forma de buscar uma aproximação entre o texto e a proposta de atividade, que convida o aluno a uma ampliação do seu entendimento sobre a negritude.

Quadro 4 – Poema Negra

NEGRA

No escuro da noite
 minha mão encontra
 uma urna negra
 uma furna úmida
 o negror da vida
 branca de desejo
 um deserto negro
 negro como um rio
 de sal e de pluma
 sulco de coral
 num leito de cânfora
 cova de sussurros
 pente de ouro negro
 num cofre de espuma
 flor de Alexandria
 negro bosque branco
 de cal e de cio
 minha pátria negra
 bela e soberana
 na alvura da noite
 que bebe na fonte
 de calor e frio.

(Lêdo Ivo)

Fonte: Lins (2006, p.49).

No poema "Negra", de Ledo Ivo, há um erotismo intenso, caracterizado, principalmente, por figuras de linguagens como a metáfora, a zoomorfização e a sinestesia.

As metáforas “[...] furna úmida” e “[...] negro bosque branco” e a zoomorfização “[...] o negro bosque branco de cal e de cio” são dois exemplos de

representação da mulher negra como objeto de fetiche. A sinestesia está presente no verso “[...] num leito de cânfora” Ivo (apud LINS, 2006, p.49).

Esse poema mantém a mulher negra na situação de mulher-objeto, assim historicamente conhecida.

A proposta de atividade contida no Livro Didático analisado (quadro abaixo) a respeito deste poema é levar o aluno a refletir sobre a temática do erotismo em relação à mulher negra.

Quadro 5 – Atividade de Interpretação

O poema de Lêdo Ivo toca as margens do erotismo em relação à mulher negra. Identifique, no poema de Jorge de Lima, trechos que erotizam a mulher negra.[...]

Fonte: Lins (2006, p.50).

Tanto o poema quanto a atividade proposta mantêm o estereótipo de mulher erotizada.

5.4 QUARTA SEÇÃO: Análise de "A última crônica" – Fernando Sabino

Nesta seção, apresenta-se o texto “A última crônica”, de Fernando Sabino, analisando algumas frases pontuais nas quais percebemos que, numa crônica contemporânea, os sinais de constrangimento continuam a refletir no negro que tem uma família constituída.

Quadro 6 – Texto a última crônica.

A última crônica

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do accidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu queria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo das paredes de espelhos. A compostura da humildade, na contenção dos gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome. Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de coca-cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa a um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia de bolo. E enquanto ela serve a coca-cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “parabéns pra você, parabéns, pra você...” Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sófregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai no colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. De súbito, dá comigo a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso. Assim eu queria a minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

(Fernando Sabino)

Fonte: Lins (2006, p.51)

O texto “A última crônica”, de Fernando Sabino, retrata uma situação que parece ser da contemporaneidade. O autor usa termos que remetem ao constrangimento, sofrido pelos negros, no passado e que continua a ocorrer na contemporaneidade. Podemos citar, por exemplo: “Ao fundo do botequim um casal

de pretos, acaba de sentar-se [...]"; "A filha aguarda também, atenta como um animalzinho" [...]; "O homem atrás do balcão apanha a porção de bolo com a mão, larga-a no pratinho [...]". "A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo [...]"; "O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração [...]"; "De súbito, dá comigo a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça baixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso" Sabino (apud Lins, 2006, p. 51).

De todo modo, porém, o constrangimento, a aproximação da atitude da criança com um animal e a negligência do homem ao pegar o bolo com a mão deixam claro que a representação do negro continua negativa.

Apesar dos termos utilizados nesse texto, que depreciam os personagens, ao final há uma tentativa de autoafirmação do negro. Dessa forma podemos vislumbrar uma possível positividade na sua escolha.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho de pesquisa, responderemos às perguntas que foram propostas ao início, junto com os objetivos que nos propusemos alcançar. As perguntas eram: – Como o negro e seus descendentes estão representados no LD Público de Língua Portuguesa do Estado do Paraná, na edição de 2006? – Os textos apresentados estão de acordo com a Lei Federal nº 10.639/2003? – Quais são as mensagens sobre diversidade que o Livro Didático Público de Língua Portuguesa do Estado do Paraná, edição de 2006, pode enviar para os alunos negros e brancos?

Também sugerimos reflexões e formas de práticas pedagógicas que levem a um aprendizado sobre o negro e sua história, bem como suas contribuições para a nossa língua e cultura.

Concluimos colocando nossas impressões sobre o capítulo do livro analisado.

Passamos agora a responder às perguntas da pesquisa.

1ª pergunta: – Como o negro e seus descendentes estão representados no LD Público de Língua Portuguesa do Estado do Paraná, na edição de 2006?

Para responder, pode-se, seguramente, afirmar que o negro, no Livro Didático pesquisado, seja pelas imagens, seja pelos textos na sua maioria, está representado de forma estereotipada, mantendo no aluno branco a visão colonialista sobre o homem negro, tido como ser subserviente, e, sobre a mulher negra, tida como subserviente e libidinosa.

2ª pergunta: – Os textos apresentados estão de acordo com a Lei Federal nº 10.639/2003?

A inclusão da História da África e do seu povo, assegurada pela Lei Federal nº 10639/2003, não teve atendimento nos textos analisados, tampouco nas atividades propostas que foram analisados. Não podemos, no entanto, deixar de citar que o livro traz informações importantes que contemplam a Lei Federal nº 10.639/2003.

Reenfatizamos que a Lei Federal nº 10.639/2003 assegura ao aluno o direito de conhecer a:

História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2004, p.[1]).

Sobre esse conhecimento a que os alunos têm direito, cabe afirmar categoricamente que a lei não foi cumprida e que, ao contrário, os alunos são expostos a um tipo de conteúdo que corrobora a imagem do negro fujão e da negra ladra, subserviente e erótica.

3ª pergunta: – Quais são as mensagens sobre diversidade que o Livro Didático Público de Língua Portuguesa do Estado do Paraná, edição de 2006, pode enviar para os alunos negros e brancos?

Segundo Joly (apud TONELLI, 2008, p.5),

[...] é possível admitir que uma imagem constitua uma mensagem para o outro e, para que se compreenda da melhor forma possível uma mensagem visual, é preciso buscar para quem ela foi produzida.

Há, no livro analisado, um texto de enfoque histórico que trata, de forma muito breve e superficial, fatos da História da Colonização Brasileira, como o sistema escravista, a Lei do Ventre Livre, a luta dos movimentos negros. As duas últimas páginas do livro pesquisado apresentam dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas-IBGE sobre a população negra e sua acessibilidade à educação e ao emprego. Também há uma sugestão de atividade de pesquisa sobre a História da África e indicação sobre o tema Diversidade e sugestão de algumas leituras de livros.

Assim, portanto, as mensagens enviadas para os alunos negros e brancos sobre o tema da diversidade são mínimas e superficiais, ficando a critério deles buscar informações a respeito dessa temática. Por outro lado, são nítidas as mensagens que mantêm o negro como exemplo de rebelde a ser domado e a negra mantida como ser erotizado com tendência à luxúria.

O livro ficou deficitário, portanto, quanto ao que sugerem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana:

[...] com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes na diáspora, em episódios da história mundial, na construção econômica, social e cultural das nações do continente africano e da diáspora, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (entre outros: rainha Nzinga, Toussaint-L'Ouverture, Martin Luther King, Malcom X, Marcus Garvey, Aimé Césaire, Léopold Senghor, Mariama Bâ, Amílcar Cabral, Cheik Anta Diop, Steve Biko, Nelson Mandela, Aminata Traoré, Christiane Taubira)" (BRASIL, 2004, p.22).

Segundo Van Dijk (2008, p. 247):

[...] a manipulação é uma prática discursiva que envolve, tanto as dimensões cognitivas quanto as sociais. Por essa razão devemos prestar mais atenção nas estratégias discursivas que tipicamente influenciam as crenças socialmente compartilhadas.

Também nós sugerimos que o professor que utiliza o Livro Didático tenha o cuidado de verificar se os textos e as imagens contidos nele corroboram a visão estereotipada do negro. Ao constatar isso, sugerimos que suas práticas pedagógicas sejam revistas no sentido de propor reflexões sobre a atuação do negro na história, procurando respeitar o que preconiza a Lei Federal nº 10639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Sabe-se que a identidade do aluno está em permanente processo de construção. Um aluno negro, ao estar contato com um material no qual ele vê tão somente o reflexo do passado, isso o afasta da possibilidade formar uma identidade sólida no presente e no futuro.

Se a manipulação envolve dominação (leia-se abuso de poder), os textos presentes nesse capítulo do livro pesquisado não dão ao aluno a opção de aceitar ou não. Não é, portanto, uma persuasão, já que uma opção daria a oportunidade de aceitar ou não, segundo Van Dijk (2008, p.234).

Todos os textos analisados contêm diversas conotações negativas a respeito do negro e da negra. Os negros e as negras citados nos textos quase que na sua totalidade representam a negra trabalhadora domesticada e explorada sexualmente e o negro submetido a constrangimento.

Os textos analisados não trazem informações relevantes sobre a diversidade cultural. As atividades não propõem reflexões sobre essa diversidade, como, por exemplo, propostas voltadas às questões étnico-raciais.

Deste modo, concordamos com Silva (apud FERREIRA, 2008, p.64), quando afirma que, dando aos negros tais características, os materiais didáticos acabam por omitir a “[...] contribuição econômica e a diversidade de funções e papéis desempenhados pelo homem negro no Brasil, desde a sua chegada até os dias atuais”.

Como forma de sugestão de textos poéticos para a inclusão num livro didático sugerimos dois textos (quadros abaixo) que poderiam tratar do tema da Diversidade, mesclando o enfoque histórico/sociológico e também o poético.

Quadro 7 - Poesia negra contemporânea: o redescobrimto do Brasil discurso poético consciência e atitude.

<p>Se ela faz eu desfaço (Ele Semog)</p> <p>A treze de maio Fica decretado Luto oficial na Comunidade negra. E serão vistos Com maus olhos Aqueles que comemorarem, Festivamente, Esse treze inútil. E fica o lembrete: Liberdade se toma Não se recebe Dignidade se adquire Não se concede. (Semog, 1979)</p>
--

Fonte: Lima ([20--]). Disponível em: <www2 docentes uneb br>. Acesso em: 25 set. 2011.

Quadro 8 - Luciano Rodrigues Lima

<p>Ponto histórico (Ele Semog)</p> <p>Não é que eu Seja racista... Mas existem certas Coisas Que só os NEGROS Entendem. Existe um tipo de amor Que só os NEGROS Possuem, Existe uma marca no Peito Que só nos NEGROS</p>	<p>Se vê, Existe um sol Cansativo Que só os NEGROS Resistem. Não é que eu Seja racista... Mas existe uma História Que só os NEGROS Sabem contar ... Que poucos podem Entender.</p>
---	--

Fonte: Lima ([20--]). LITERAFRO. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 25. Set. 2011.

Além de Ele Semog, podemos citar outros poetas, como: Domício Proença Filho, Oswaldo de Camargo, Eduardo de Oliveira, Solano Trindade, Oliveira Silveira, Antonio Vieira, entre outros.

Assim, percebemos a necessidade urgente de reflexão acerca do tema "Discursos da Negritude", que comparece no Livro Didático de Língua Portuguesa do Estado do Paraná com imagens e textos estereotipados do passado e não atendendo aos ditames da legislação atual. Nossa reflexão deve à escolha de textos adequados para capítulo, textos que realmente estejam de acordo com o que preconiza a Lei Federal nº 10639/2003. É relevante a discussão e a crítica contundente sobre textos que mantêm os negros representados com os estereótipos de subserviência, moral duvidosa ou imoral, com exagerado pendor sexual e erotização da mulher negra.

Entendemos que autores de livros didáticos, ao manterem essa imagem estereotipada da temática do negro, além de causar constrangimentos aos alunos em processo de formação de identidade, podem acentuar ou até promover práticas discriminatórias na escola. Além desses constrangimentos, tais textos também mantêm nos alunos brancos a visão colonialista do negro subserviente e da mulher negra subserviente e imoral.

Entendemos, desta forma, que há, tanto no Brasil, entre os descendentes de africanos ou não, quanto também na África, escritores com obras capazes de contar a História e Cultura Afro-Brasileira sem restringir o tema da diversidade às senzalas e às situações vexatórias às quais os negros foram submetidos.

É, portanto, possível promover a inclusão da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" no currículo com a responsabilidade de promover um aprendizado com qualidade, utilizando textos que promovam uma formação de identidade legitimada, e respeitada.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Evelyn Louise Almeida de. **Imagens, currículo e livro didático de história**. Disponível em:

<<http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/pesquisa-pratica-educacional/artigos/artigo11.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2011.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BELL, Judith. **Como realizar um projecto de investigação**. 3. ed. Lisboa, Portugal: Gradiva, 2004.

BERND, Zilá. **Poesia negra brasileira**. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=bYasOKFh_kIC&pg=PA140&lpg=PA140&dq=ele+semog>. Acesso em: 11 set. 2011.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Secretaria Especial de Política de Promoção de Igualdade Racial, MEC/Ministério da Educação, 2004.

CARNEIRO, Eduardo de Araújo; CARNEIRO, Egina Carli de Araújo Rodrigues. **Notas Introdutórias sobre a análise do discurso**. Disponível em: <www.duplipensar.net >. Acesso em: 25 set. 2011.

CORACINI, Maria José (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. São Paulo: Pontes, 1999.

COSTA, Warley. **Esclavidão africana: imagens nos livros didáticos e produção de identidade**. In: ENDIPE, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2008.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v.10, n.1, p.25-40, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/2137>>. Acesso em: 3 maio 2011.

FARIAS, Kellis Coelho; FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Identidades sociais no livro didático de língua inglesa: representações do discurso escrito de raça/etnia**. In: Seminário Nacional de Estudos da Linguagem – Diversidade, Ensino e Linguagem, 2, 2010, Cascavel. **Anais...** Cascavel: Unioeste, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **PEAB – Projeto de estudos afro-brasileiros: contexto, pesquisas e relatos de Cascavel, PR**. Cascavel: Unioeste, 2008.

FREITAG, Bárbara. **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez, 1989.

GOMES, Nilma Lino. **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 /Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. (Coleção Educação para Todos). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001432/143283por.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

_____. Educação e identidade negra. **Aletria**: alteridades em questão, Belo Horizonte, v. 6, n.9, p.38-47, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.ideario.org.br/neab/kule1/Textos%20kule1/nilma>>. Acesso em: 14 maio 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.103-133.

LIMA, Luciano Rodrigues. **Poesia negra contemporânea: o redescobrimto do Brasil**: discurso poético, consciência e atitude. [20--]. Disponível em: <www2.docentes.uneb.br>. Acesso em: 25 set. 2011.

LINS, Antonio Eduardo Leitão Navarro et al. **Língua portuguesa e literatura**. Curitiba: SEED-PR, 2006.

MENEGASSI, Renilson José. A representação do negro no livro didático brasileiro de língua materna. **Revista Espaço Acadêmico**, [Maringá], v. 3, n.36, maio 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/036/36emenegassi.htm>>. Acesso em: 12 maio 2011.

MENGA, Lüdke; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional *versus* identidade negra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PARANÁ. **DCE - Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio**. Curitiba, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/livro_e_diretrizes/diretrizes/diretrizeslinguaportuguesa72008.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2011.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2008.

ROSEMBERG, Fulvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinicius Baptista. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n.1, p.125-146, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a10v29n1.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2011.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista. Racismo discursivo e avaliações do Programa Nacional do Programa Nacional de Livros Didáticos. **InterMeio**, Campo Grande, MS, v.12, n.24, p.6-29, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.intermeio.ufms.br/revistas/24/24%20Artigo_01.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2011.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista. **Racismo em livros didáticos**: estudo sobre negros e brancos em Livros de Língua Portuguesa. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TONELLI, Juliana R. A. As imagens no livro didático de Inglês: uma análise funcional. **Travessias**, Cascavel, n.4, 2008. Disponível em: <www.unioeste.br/prppg/.../As%20imagens%20-%20Juliana.pdf>. Acesso em: 1 maio 2011.

USP. **Banco de Teses**: racismo livro didático. 2004. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/Pesquisa.do;jsessionid=0A6634CF342A03576BB34F7B8955C08D?autor=&tipoPesqAutor=T&assunto=Racismo+livro+didatico&tipoPesqAssunto=T&ies=&tipoPesqles=T&nivel=&anoBase=>>. Acesso em: 07 ago. 2011.

USP. **Biblioteca digital de Teses e Dissertações da USP**: racismo: Disponível em: <http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=9&Itemid=159&lang=pt-br&id=48134&prog=48001&exp=0&filtro=racismo>. Acesso em: 07 ago. 2011.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

WATHIER, Luciane A discriminação racial presente em livros didáticos e sua influência na formação da identidade dos alunos. **Revista Urutágua**, Maringá, n.16, p.47-54, ago./nov. 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.7-72.

ANEXO

ANEXO A:

Lei Federal nº 10639/2003

Presidência da República. Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Mensagem de veto. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º À Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescidos seguintes artigos. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.
Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque